

# REVISTA

DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS



#23

---

ISSN 2316-770X

A Revista da Universidade Federal de Minas Gerais é uma publicação semestral e tem o objetivo principal de abordar temáticas específicas, numa perspectiva interdisciplinar, podendo divulgar também resultados de pesquisas e de produções teóricas e artísticas diversas.

Jaime Arturo Ramírez

REITOR

Sandra Goulart Almeida

VICE-REITORA

Elizabeth Ribeiro da Silva

CHEFE DE GABINETE

Mário Fernando Montenegro Campos

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Benigna Maria de Oliveira

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO

Ado Jorio Vasconcelos

PRÓ-REITOR DE PESQUISA

Hugo Eduardo Araújo da Gama Cerqueira

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO

Denise Maria Trombert de Oliveira

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

Maria José Cabral Grillo

PRÓ-REITORA DE RECURSOS HUMANOS

Tarcísio Mauro Vago

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Marcílio José Sabino Lana

DIRETOR-GERAL DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO

Estevam Barbosa de Las Casas

DIRETOR DO INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS

TRANSDISCIPLINARES

EDITOR:

João Antônio de Paula

EDITORA EXECUTIVA:

Heloisa Soares de Moura Costa

DIREÇÃO DE ARTE:

Marcelo Lustosa

PROJETO GRÁFICO:

Léo Ruas

DIAGRAMAÇÃO:

Romero Moraes

Guilherme Martins

PRODUÇÃO EXECUTIVA:

Ana Paula Vieira

Stephanie Falconelli

APOIO TÉCNICO:

Lucilia Maria Zarattini Niffenegger

REVISÃO:

Cecília Lima

Josiane Pádua

TRADUÇÃO:

Marie-Anne Henriette Jeanne Kremer

#### FICHA CATALOGRÁFICA

R 454 Revista da Universidade Federal de Minas Gerais. –  
vol.15, 1965- – Belo Horizonte : UFMG, 1965-  
v. : il.  
Anual de 1965-1969  
A partir do v.19, n.1/2, 2012 passa a ser semestral  
Titulo anterior: Revista da Universidade de Minas  
Gerais, 1929-1964.  
Inclui bibliografia.  
ISSN: 2316-770X  
1. Ensino superior- Periódicos. I. Universidade  
Federal de Minas Gerais.

CDD: 378.405 CDU: 378

Revista da Universidade Federal de Minas Gerais

Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Presidente Antônio Carlos, nº 6.627, Campus Pampulha

Prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, sala 3011

CEP: 31.270-901, Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

Endereço eletrônico: <revistadaufmg@ufmg.br>

Telefone: 55 31 3409 7231

*Conselho editorial*

Carlos Antônio Leite Brandão • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Débora d'Ávila Reis • INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Eliana de Freitas Dutra • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Estevam Barbosa de Las Casas • ESCOLA DE ENGENHARIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Heloisa Soares de Moura Costa • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Hugo Eduardo Araújo da Gama Cerqueira • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Ivan Domingues • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Jacyntho Lins Brandão • FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

João Antonio de Paula • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Marília Andrés Ribeiro • INSTITUTO MARIA HELENA ANDRÉS (IMHA), BRASIL.

Maurício Alves Loureiro • ESCOLA DE MÚSICA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Maurício José Laguardia Campomori • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Ricardo Hiroshi Caldeira Takahashi • INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

*Comissão editorial desta edição*

Carlos Antônio Leite Brandão • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Débora d'Ávila Reis • INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Heloisa Soares de Moura Costa • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

João Antônio de Paula • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Maria do Carmo Freitas Veneroso • ESCOLA DE BELAS ARTES, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Marília Andrés Ribeiro • INSTITUTO MARIA HELENA ANDRÉS (IMHA), BRASIL.

Patricia Maria Kauark Leite • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

*Pareceristas desta edição*

Alexandre Magno Alves Diniz • PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO ESPACIAL, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Ana Cláudia Duarte Cardoso • FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL.

André Velloso Batista Ferreira • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Cássio Eduardo Viana Hissa • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Cássio Maldonado Turra • CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL E FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Claudinei Lourenço • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Deborah de Magalhães Lima • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Denise de Castro Pereira • DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Doralice Barros Pereira • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Ester Limonad • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, BRASIL.

Evandro José Lemos da Cunha • ESCOLA DE BELAS ARTES, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Flávia Maria Galizoni • INSTITUTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Geane Carvalho Alzamora • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Geraldo Magela Costa • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Jupira Gomes de Mendonça • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

José Carlos Reis • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Klemens Augustinus Laschefski • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Lucia Maria Sá Antunes Costa • FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL.

Marco Antônio Sousa Alves • FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim • DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, BRASIL.

Ralfó Edmundo da Silva Matos • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Ricardo Ojima • DEPARTAMENTO DE DEMOGRAFIA E CIÊNCIAS ATUÁRIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, BRASIL.

Rogério Palhares Zschaber de Araujo • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Rômulo Soares Barbosa • DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS, BRASIL.

Sérgio Alcides • FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Silke Kapp • ESCOLA DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

Virgínia de Lima Palhares • INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BRASIL.

## Sumário

- 6 EDITORIAL  
Tempo, tempos
- 20 MICHEL BITBOL  
Medo da morte e experiência do tempo  
Fear of death and experience of time
- 36 FERNANDA ROUGEMONT  
O tempo no corpo: envelhecimento e  
longevidade na perspectiva anti-aging  
The time in the body: aging and longevity in  
the anti-aging medicine's perspective
- 62 ANA CLAUDIA MOREIRA CARDOSO  
Direito e dever à desconexão: disputas  
pelos tempos de trabalho e não trabalho  
Right and obligation to disconnection:  
striving for working and non-working time
- 88 ADRIANO MATTOS CORRÊA  
Domínio do espaço. Temor do tempo. O  
que desejar dos arquitetos dos próximos  
dias?  
The domain of *space*. The fear of *time*. What  
should we want from the *architects* in the  
coming days?
- IIO CARLOS ANTÔNIO LEITE BRANDÃO  
As moradas do tempo: arquitetura  
The abode of time: architecture
- I34 LUCIANA ANDRADE GOMES BICALHO,  
TIAGO BARCELOS PEREIRA SALGADO,  
AMANDA CHEVTCHOUK JURNO  
Poéticas da ubiquidade: a construção do  
tempo e da memória em plataformas  
midiáticas on-line  
Ubiquity poetics: the construction of time  
and memory on the online social networks



MARCELO CINTRA DO AMARAL  
154 *Tempos da mobilidade: três notas de uma nova partitura espaço-temporal*

*Mobility times: three notes on a new space-time score*

ALTAMIRO SÉRGIO MOL BESSA  
180 *Tempo e paisagem*  
*Time and landscape*

PEDRO HENRIQUE CORRÊA  
DE ARAÚJO BARROS,  
ROBERTO CÉLIO VALADÃO  
196 *Cronologia na corologia – A construção de uma perspectiva temporal*  
*Chronology in chorology – building a temporal perspective*

JOÃO DINIZ  
224 *Cronos trôpego: aforismos do tempo*  
*Stumbling chronos: time aphorisms*

PATRICIA FRANCA-HUCHET  
232 *Nós temos tempo: o livro Modificando*  
*We've got time: the book Modifying*

ANA PAULA OLIVEIRA,  
THIAGO HENRIQUE RAMARI  
248 *O tempo e o pensamento: a anomalia anacrônica como elemento de propulsão para a consciência crítica no filme Violência Gratuita*  
*Time and thought: the anachronistic abnormality as thrusting element for the critical consciousness in Funny Games*

MATEUS H. F. PEREIRA,  
VALDEI LOPES DE ARAUJO  
270 *Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital*  
*Historical time reconfigurations: presentism, updatism, and loneliness in digital modernity*



MAX KLINGER  
O xixi da morte (detalhe), óleo sobre tela, 1880



# TEMPO, TEMPOS

Não vivemos em qualquer lugar, mas em um “mundo”, antes mesmo de vivermos sobre a “Terra”: Não haveria Terra se não pudéssemos nomeá-la, e só podemos nomeá-la por habitar um mundo provido de linguagem. Para que aquilo que nos rodeia deixe de ser um amontoado de coisas e entes sem sentido e seja ordenado de modo a constituir o que chamamos “mundo”, é preciso linguagem, espaço e tempo. O tempo é, portanto, uma categoria por meio da qual convertemos o caos que nos rodeia em cosmos – universos ordenados e compreensíveis – que vão desde o nível do nosso corpo, do nosso quarto, da nossa casa, da nossa cidade até o da astronomia e da astrologia, com suas galáxias, seus buracos negros e seus microcosmos nanométricos. Sem o tempo não há compreensão; sem o tempo não há os lugares por onde passamos e onde transcorreu a nossa vida: habitamos a história e o tempo, antes de habitar a geografia e o espaço. Existem diversos tipos, camadas e escalas de tempo e de temporalidades: o cronológico, o mítico, o divino, o messiânico, o Kairos, a *durée* bergsoniana, o geológico, o profundo, o psíquico, o onírico, o sucessivo, o linear, o circular, o quântico, o da relatividade, o da análise, o das ruínas, o público, o particular, o acelerado, o burocrático, o “era uma vez”, o “ainda não”, o “já”, o mercurial, o saturnino, o suspenso nos relógios moles de Dali, o “boitempo” dos livros de Drummond e a cotidiana “falta de tempo” de todos nós, entre outros. Vivemos, ou temos a possibilidade de viver em todos ou entre todos eles: nascemos muitos, e não é necessário que passemos a vida ou morramos um só. Diz Ivan Domingues que nossa experiência do tempo se faz na díade constituída entre o efêmero e o instante, por um lado, e o eterno e duradouro, por outro. Até a suspensão do tempo, como sentimos quando estamos

em êxtase, plenamente felizes, no nirvana ou tomados por Eros, serve para constituir os tempos pelos quais o homem transita e de cuja matéria ele extrai o “humano”, pois não nascemos humanos: tornamo-nos humanos mediante aquilo que fazemos com o tempo, o “nosso” tempo.

Este número da Revista da UFMG tem o *tempo* e todos esses *tempos* como provocação inicial, por meio da qual as contribuições podem se articular de várias maneiras. Escolhemos apresentá-las em três agrupamentos que privilegiam as experiências e vivências individuais e coletivas do tempo, algumas das muitas relações entre tempo e espaço e ilustrações de experiências do tempo e as artes.

## *Experiências e vivências do tempo*

O primeiro conjunto de três textos aborda, de diferentes maneiras, experiências, vivências e percepções do tempo na perspectiva dos sujeitos individuais e coletivos.

*Medo da morte e experiência do tempo*, texto do filósofo francês Michel Bitbol, traduzido por Patrícia Kauark-Leite, promove discussão sobre como o medo da morte baseia-se nas ameaças sofridas à nossa própria identidade face à experiência do tempo. Trata-se do medo fundamental, do qual os outros medos são derivados. O medo de envelhecer pode ser visto como o medo da aproximação da morte ou de quantidades de pequenas mortes preliminares. O medo do estrangeiro pode ser visto como o medo da morte da identidade cultural, constitutiva da identidade pessoal. O medo da guerra e do conflito pode ser visto como o medo vinculado à morte da identidade nacional, à morte dos próximos e à morte individual. O medo das catástrofes ambientais pode ser visto como um medo sintético em relação à morte individual, à morte coletiva da humanidade, à morte de uma identidade ampliada de estar na natureza.

O texto de Fernanda Rougemont, "O tempo no corpo: envelhecimento e longevidade na perspectiva *anti-aging*", discute a formação de um novo modelo temporal que diferencie a existência em anos de vida dos processos de transformação no corpo ao longo do tempo. A autora traz uma reflexão sobre a articulação entre o envelhecimento, como processo físico, e os diferentes modos de mensuração e periodização do tempo. Com base no movimento *anti-aging*, o argumento mostra o descompasso entre o envelhecimento biológico e a mensuração cronológica da vida, produzindo uma transformação na concepção do envelhecimento como vivência biológico-temporal do ciclo de vida.

Ana Cláudia Moreira Cardoso, em "Direito e dever à desconexão: disputas pelos tempos de trabalho e não trabalho", discute a dimensão do tempo livre associado ao trabalho e ao não trabalho, alertando para o direito ao ócio, ao que chama de desconexão. O argumento se desenvolve por meio de uma leitura histórica das disputas e das mobilizações dos diversos atores sociais, envolvendo esses tempos socialmente construídos, com base na percepção dos trabalhadores.

## Tempo e espaço

Tempo e Espaço são duas dimensões amalgamadas da vida, nem sempre percebidas ou concebidas como tal. Vários textos abordam a temática do tempo, levando em conta sua intrincada e permanente relação com o espaço. O ensaio de Adriano Mattos Corrêa, intitulado "Domínio do espaço. Temor do tempo. O que desejar dos arquitetos dos próximos dias?", enfatiza que o *território* depende do dinamismo dos fenômenos de formação e produção contínua do seu significado, depende do *tempo*. Logo, o território é tomado como um *porvir*. Para ele, o espaço arquitetado, o projeto, pressupõe uma variante frequentemente ignorada, mas fundamental para se pensar e produzir as relações que se dão sobre a dimensão territorial, que é o *tempo*. A dimensão temporal teria o poder de iluminar as relações espaciais como parte de uma mesma vida comum e compartilhada. Nesse sentido, mapear e dominar o espaço são estratégias para encobrir o temor e incapacidade de projetar o tempo.

O texto "As Moradas do Tempo: Arquitetura", de Carlos Antônio Leite Brandão, inicia-se e termina com o argumento segundo o qual só há projeto de arquitetura se o tempo é projetado nele. As obras de arquitetura não projetam apenas espaços, mas também o tempo, elas permitem que articulemos nossa noção do tempo e nossa relação com ele de vários modos. Atravessando diferentes períodos, da antiguidade à modernidade, o autor explora a temporalidade entre aquilo que passa e aquilo que permanece, chamando a atenção para a necessidade de instaurarmos, via arquitetura, referências de permanência e solidez num mundo cada vez mais marcado pelo efêmero e pelo instável. Para ele, fazer arquitetura é fazer do tempo uma coordenada que preenche o espaço com a nossa humanidade.

Sob outra perspectiva, originária da Comunicação Social, Luciana Andrade Gomes Bicalho, Tiago Barcelos Pereira Salgado e Amanda Chevtchouk Jurno se propõem a

mostrar que a construção coletiva do mundo e dos saberes do mundo é potencializada pelas diferentes tecnologias de comunicação e informação, em "Poéticas da ubiquidade: a construção do tempo e da memória nas redes sociais on-line". Centrando-se no instantâneo que dilata o presente e demanda que o tempo seja cronometrado e passível de mensuração, o texto argumenta que as marcações temporais que acompanham a produção *on-line* facilitam a compreensão do tempo em meio a um fluxo veloz e denso de produções, considerando o presente como um instante que deixou de ser o que seria. Por outro lado, o convite das redes sociais *on-line* para publicar, compartilhar ou registrar o momento pode ser visto como uma convocação para a construção da memória dos momentos presentes nesses ambientes midiáticos digitais. A ação de mútua afetação entre humanos e máquinas/espços virtuais ajuda a compreender a composição híbrida de "lugares de memória" ubíquos e instantâneos, que os autores tomam como ponto de partida, os rastros digitais das ações humanas e não humanas nas redes sociais digitais, que transitam e se transformam de acordo com as articulações entre as linguagens e as ações dos atores em movimento.

Articulando também as noções de tempo, ubiquidade e mobilidade, o texto de Marcelo Cintra do Amaral, "Tempo de mobilidade: três notas de uma nova partitura espaço-temporal", discute políticas e práticas centradas no tempo, partindo do princípio de que diferentes tempos da mobilidade urbana interferem no espaço, seja na alteração das velocidades, redução das distâncias ou definindo ritmos. Para romper com a tendência de o tempo se reduzir ao emprego compulsório do espaço, são esboçados os primeiros elementos para uma teoria e apresentam-se exemplos de políticas e práticas que tentam alçar o tempo a uma categoria privilegiada de análise e ação. O autor destaca que o tempo guarda de forma latente inúmeras possibilidades de reflexão e de transformação, por ações políticas ou poéticas, mas, antes de tudo, é preciso pensar sobre ele.

Em "Tempo e paisagem", Altamiro Sérgio Mol Bessa desenvolve a ideia de paisagem como o lugar onde tempo e espaço se articulam, como o lugar onde se apreende a passagem do tempo. Como materialização da paisagem, os jardins têm potencial de construir alternativas insurgentes no deserto que caracteriza o pensamento dominante. O ensaio contrapõe duas vertentes distintas da paisagem, refletindo também distintas noções de tempo e de espaço e formas distintas de articulação do indivíduo com o

ambiente, tanto em termos da paisagem resultante como das formas de reflexão sobre ela. Por um lado, a tradição chinesa considera a paisagem como conciliação de opostos, um caminho a ser complementado pela imaginação; por outro, a racionalidade ocidental hegemônica privilegia os resultados. Ao conceber, em campos distintos, homem e natureza, tempo e espaço, a modernidade ocidental se constitui majoritariamente pelo que o autor chama de "temporaneidades predatórias", formas contemporâneas que se impõem violentamente sobre as lentas temporalidades que qualificam os lugares.

Considerando a paisagem em outra escala temporal, o artigo "Cronologia na corologia – a construção de uma perspectiva temporal", de Pedro Henrique Corrêa de Araújo Barros e Roberto Célio Valadão, trata do campo da Geomorfologia, tradicional subcampo do saber geográfico, que explora essencialmente o caráter espacial dos fenômenos atrelados às dinâmicas da superfície terrestre. Segundo os autores, para compreender tais morfologias é preciso analisá-las não somente no espaço, mas, fundamentalmente, através do tempo. O texto considera a aparentemente monótona e estática superfície terrestre como extremamente dinâmica e multiforme, o cotidianamente imperceptível dinamismo do relevo evidenciando um processo fragmentário e descontínuo, diversamente distribuído e sincronicamente articulado no espaço e, sobretudo, no tempo. As paisagens, como um grande palimpsesto, impõem, permanentemente, muitos desafios à abordagem geomorfológica, já que a análise recai tanto sobre as formas de relevo quanto sobre a periodização delas ao longo do tempo. Os autores consideram a perspectiva de tempo geológico como historicamente construída, daí resultando desdobramentos metodológicos que concebem essa ciência natural, também, à luz dos estudos contingenciais, típicos de um campo historicizado.

## *Experiências do tempo e as artes*

Este conjunto de contribuições mais diretamente associadas às artes e à experiência se inicia com um aforismo de João Diniz, "Cronos trôpego: aforismos do tempo", precedido de apresentação da trajetória do autor/artista feita por Marília Andrés Ribeiro.

O texto de Patricia Franca-Huchet, "Nós temos tempo: o livro Modificando", traz inicialmente uma discussão sobre diferentes abordagens referentes ao tempo no domínio literário e artístico, fruto da experiência de pesquisa em arte. Para a autora, o

tempo se distingue pelas maneiras que temos de apreendê-lo, sendo impossível dar a ele um significado universal. Varia com a experiência individual e universal, dos homens, da natureza. Há o tempo dos físicos, dos filósofos, tempo na linguagem, na arte, entre muitos outros. Em sequência, a autora nos traz uma experiência artística, o livro *Modificando*, que retrata uma experiência temporal de um trabalho no qual fotografias e textos se encontram pela prática da montagem, visualidade e edição.

O uso do tempo pelo cinema e os efeitos produzidos sobre a audiência é o tema discutido por Ana Paula Oliveira e Thiago Henrique Ramari, no texto intitulado "O tempo e o pensamento: a anomalia anacrônica como elemento de propulsão para a consciência crítica no filme *Violência Gratuita*", com base na teoria cinematográfica de Deleuze. Uma sequência do filme é analisada, na qual a ocorrência da imagem-tempo estimula o pensamento crítico do espectador. O texto argumenta que o uso de diferentes noções de tempo transforma o público em cúmplice de assassinatos, provocando o engendramento da culpa, e conduz a uma importante reflexão sobre o crescente consumo contemporâneo de imagens de violência como entretenimento.

Fechando esta edição, o texto de Mateus Pereira e Valdei Lopes de Araújo, "Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na modernidade digital", traz uma reflexão sobre a historicidade atual por meio da "experiência do tempo". Os autores contrapõem o momento historicista-moderno – basicamente centrado no futuro – a um regime de historicidade emergente, ressaltando o presentismo como o tempo no qual não há nada além do evento. Para os autores, a história como disciplina não vê claramente o presente. Para ilustrar essa perspectiva, eles trazem uma leitura do episódio *White Christmas*, da série televisiva *Black Mirror*, como um estudo de caso, a fim de verificar a operacionalidade do conceito de atualismo para a compreensão de distopias/utopias contemporâneas com foco na temática da solidão.

Bom proveito!

# TIME, TIMES

We do not live anywhere, we live in a “world” before we live on “earth”. There would be no earth if we were unable to name it, and we can only name it because we live in a world provided with language. So that things surrounding us can be more than just a pile of things, and so that beings may have sense, and so that all can be put in order to make up what we call “world”, language, space and time are needed. Time is, therefore, a category through which we turn chaos around us into cosmos – ordered and understandable universes – as small as our body, our room, our house, our city, and as large as the universe of astronomy and astrology, as huge as galaxies, its black holes and nanoscale microcosmos.

Without time there is no comprehension and there are no places we have been and where we lived our lives: we dwell in history and time even before we populated geography and space. There are many types, layers and scales of time, and temporalities: the chronological, the mythic, the divine, the messianic, the Kairos, the Bergsonian *durée*, the geological, the profound, the psychic, the oneiric, the successive, the linear, the circular, the quantum, the relativity one, the analytical one, the one of the ruins, the public, the personal, the speedy one, the bureaucratic one, the “once upon a time” one, the “not yet” one, the “already” one, the mercurial, the saturnine one, the one in Dali’s flabby and pending watches, in Drummond’s “boitempo”, and in our daily “lack of time”, among others. We live or have the opportunity to live in all of them, or among all of them: we are born many, and passing life in only one or dying in no more than one is unnecessary. Ivan Domingues says that our experience of time is lived out, on the one hand, in a dyad between the fleeting and the instant, and on the other hand, between the eternal and the everlasting. Even the suspension of time experienced when we are taken by ecstasy, completely happy, in the Nirvana or raptured by Eros, helps the making of times through which mankind wanders and extracts its “human” matter, for we are not born human: we are made human depending on how we use time, “our” time.

This volume of Revista da UFMG offers *time* and all those *times* as a primary teaser inspiring contributions with different perspectives gathered in three groups that enhance personal and collective experiences of time, introducing some of the many relations between time and space, illustrating experiences of time and arts.

## Experiencing Time

The first set of three texts approaches different experiences and perceptions of time coming from individual and collective subjects.

*Fear of death and experience of time* by the French philosopher Michel Bitbol, translated by Patrícia Kauark-Leite, discusses how the fear of death is based on the threats imposed to our own identity in the face of time experience. It is about the fundamental fear deriving all other fears. The fear of aging can be seen as the fear of approaching death or the fear of small amounts of preliminary deaths. The fear of the alien can be understood as the fear of the death of cultural identity that builds personal identity. The fear of war and conflict can be seen as the fear linked to the death of national identity, to the death of neighbors, and to individual death. The fear of environmental catastrophes may be construed as a synthetic fear in terms of individual death, collective death of humanity, as well as the death of a broadened identity of being in nature.

Fernanda Rougemont's *Time in the body: aging and longevity in the medical anti-aging perspective* discusses the development of a new temporal model telling the existence in years of life from the bodily transformation processes along time. The author ponders on the relationship between aging as a physical process, and the different modes of measuring and dividing time. Based on the anti-aging movement, the discussion points out the unbalance between the biological aging and the chronological measurement of life producing a morphed conception of aging as a biological-temporal experience of the cycle of life.

*Right and obligation to disconnection: striving for working and non-working time* is Ana Cláudia Moreira Cardoso's approach to the dimension of free time linked to working and non-working concepts highlighting the right to idleness, here called disconnection. The discussion is developed from within a historical reading of the disputes and mobilizations of the several social actors around these socially built times, supported by the workers' perception.

## Time and Space

Time and space are two merged dimensions in life not always perceived or conceived as such. Much has been written about time and its intricate and permanent relationship with space. Adriano Mattos Corrêa's essay *The domain of space. The fear of time. What should we want from the architects in the coming days?* emphasizes that territory depends on the dynamic performance of the formation and continuous production

phenomena of its meaning; it depends on *time*, therefore territory is considered a time to come. According to him, the architected space – design – assumes a variable often ignored, but essential to think and produce the relations occurring on the territorial dimension, which is *time*. Time dimension would be able to clear up the space relations as part of a same life, common and shared. In this sense, mapping and mastering space are strategies to disguise the fear and inability to project time.

*The abode of time: Architecture* by Carlos Antônio Leite Brandão begins and ends with the discussion according to which architectural designs are only possible if time is projected in them. The architectural works not only project spaces but also time; they allow our notion of time and our relationship to it be construed in many ways. Crossing several ancient times until modernity, the author explores temporality between the past and the permanent stressing our yearning for establishing through architecture references to permanence and solidity in a world that increasingly emphasizes the fleeting and the volatile. According to him, making architecture is making a coordinate out of time to fulfill space with our humanity.

In another perspective derived from the Social Communication, Luciana Andrade Gomes Bicalho, Tiago Barcelos Pereira Salgado and Amanda Chevtchouk Jurno propose that the collective construction of the world and of global knowledge is highlighted by the different technologies of communication and information in their *Ubiquity Poetics: the construction of time and memory on the online social networks*. Focusing the momentary that broadens the present, requires clocked time, and is liable to measurement, the text proposes that the time scheduling that accompanies online productions eases the comprehension of time amid a rapid and dense flow of productions, considering the present time as an instant that no more is what it would be. On the other hand, the online invitations to publish, share or record the moment may be considered a call for the construction of memory of the present moments in these digital media environments. The action of mutual influence between humans and machines/virtual spaces helps understand the hybrid composition of ubiquitous and instantaneous *memory locations* that serve as the authors' starting point of the digital traces of the human and non-human actions in the digital social networks, that flow and transform themselves according to the interactions between the languages and the moving actors' actions.

Also merging notions of time, ubiquity and mobility, the text by Marcelo Cintra do Amaral, *Mobility times: three notes on a new space-time score* discusses time-oriented

policies and practices assuming that different times of urban mobility transform space by changing speeds, reducing distances or setting rhythms. In order to break the tendency of time to be reduced to the compulsory use of space, the first elements for a theory are outlined, and examples of policies and practices that try to raise time to a privileged category of analysis and action are presented. The author points out that time latently reserves countless possibilities of reflection and transformation through political or poetical actions, but, most of all, one must think about it.

In *Time and landscape*, Altamiro Sérgio Mol Bessa develops an idea of landscape as a place where time and space interact and where the passage of time is seized. As a materialization of landscape, gardens may build alternatives appearing in the desert that features the prevailing thought. The essay contrasts two distinct landscape aspects, also reflecting distinct notions of time and space, and diverse ways of personal relationship with the environment, not only in terms of the resulting landscape, but also of manners to reflect about it. The Chinese tradition considers landscape the reconciliation of opposites, a path to fulfill with imagination, while the western hegemonic rationality favors the results. By conceiving man and nature, and time and space in different fields, western modernity mostly embodies what the author names *predatory temporariness*, contemporary forms that violently impose themselves upon the slow temporalities that qualify the places.

Considering landscape from another temporal scale, the article *Chronology in chorology – building a temporal perspective* by Pedro Henrique Corrêa de Araújo Barros and Roberto Célio Valadão explore the field of Geomorphology, a traditional subfield of the geographical knowledge, that basically explores the spatial character of the phenomena conjoined with the terrestrial surface dynamics. According to the authors, in order to comprehend such morphologies, one should analyze them not only in space, but essentially through time. The text considers the apparently monotonous and still terrestrial surface an extremely dynamic and diverse one, and the daily imperceptible dynamism of its relief exhibiting a cracking and discontinuous process variedly distributed and synchronically combined in space and, most of all, in time. The landscapes, as a large palimpsest, permanently impose many challenges to the geomorphological approach once the analysis not only relies on the relief forms but also on their periodization along time. They consider a historically built geological time perspective thus resulting in methodological unfolding that conceives this natural science under the light of the contingent studies as well, characteristic of a historicized field.

## Experiences in Time and Arts

This set of contributions more directly linked to arts and experience begins with an aphorism by João Diniz, *Stumbling Chronos: Time Aphorisms*, preceded by the artist/author's journey presented by Marília Andrés Ribeiro.

Patrícia Franca-Huchet's *We've got time: the book Modifying'* first discusses the different approaches to time in the literary and artistic fields as an outcome of an experience in research on arts. According to the author, time can be distinguished by different ways of perception, and it is impossible to give it a universal meaning. It varies according to the personal and universal experience of men and nature. There is the time of the physicists, of the philosophers, the time in art language, among many others. Then the author presents an artistic experience through the book *Modifying*, that portrays a temporal experience of a work in which photographs and texts meet by the practice of *montage*, visuality and editing.

The use of time in cinema and the effects produced on the audience is the topic discussed by Ana Paula Oliveira and Thiago Henrique Ramari in *Time and thought]: the anachronistic abnormality as a thrusting element for the critical consciousness in Funny Games*, based on Deleuze's cinematic theory. The authors analyze a sequence of the film in which the occurrence of time-image arouses the viewers' critical thought. The text proposes that the use of different notions of time turns the audience into an accomplice of murders, engendering guilt and an important reflection on the increasing contemporary consumption of violent images as entertainment.

Closing this edition, the text by Mateus Pereira and Valdei Lopes de Araújo *Historical time reconfigurations: presentism, updatism, and loneliness in digital modernity* offers some reflection on the present historicity from the *experience of time*. They contrast the historicist-modern time, that basically emphasizes the future, with an emerging regime of historicity that highlights presentism as the time that brings nothing but the event. For the authors, history as a discipline does not see the present clearly. To portray this perspective, they present a reading of the episode *White Christmas* of the *Black Mirror* TV show as a case study to verify the operability of the updatism concept for the understanding of contemporary dystopias/utopias from the loneliness topic perspective.

Have a nice time!